

# Muitos Zeros À Frente

Peter J. Denning

Devemos acreditar nas previsões sobre o fim da Humanidade nas mãos dos robôs e na nossa sobrevivência ao aquecimento global? Nossos escritores de ficção científica têm feito um trabalho muito melhor que nossos futuristas. Aqui está o que eu aprendi deles sobre o que poderia acontecer em 1.010 anos:

*Criaremos robôs superiores que eventualmente decidirão que não precisam de nós.*

No final do terceiro milênio os robôs formaram sua própria sociedade separada dos humanos. Embora os achassem muito frágeis de corpo e mente, os robôs eram, de acordo com suas leis robóticas, bastante gentis com os humanos e os protegiam como uma espécie ameaçada. Mas os humanos pareceram perder toda sua motivação para viver, e eventualmente o último deles morreu, deixando apenas os robôs.

Os robôs conquistaram as viagens pelo tempo, um desafio jamais resolvido pelos humanos. Suas máquinas, no entanto, somente podiam enviar objetos inanimados de volta no tempo. Suas leis robóticas impediam-nos de enviar objetos para o passado, temendo amedrontar ou ferir os humanos que viviam lá. Assim, eles se especializaram em capturar objetos dos tempos futuros. Eles aprenderam que seus descendentes iriam prosperar e criar civilizações gloriosas, e ficaram muito orgulhosos.

Eles continuaram a aperfeiçoar suas técnicas, buscando investigar futuros cada vez mais remotos. Finalmente, eles produziram uma máquina capaz de atingir um milhão de anos no futuro. Na sua primeira experiência, eles conseguiram trazer uma estátua de um poderoso líder militar, enfeitado de medalhas e carregando uma grande espada reluzente. Depois de contemplarem a estátua, os desanimados robôs desmantelaram suas máquinas do tempo e cancelaram suas pesquisas. A estátua era de uma barata com três metros de altura.

*O aquecimento global não é uma ameaça à nossa civilização.*

A última expedição humana atingiu um ponto elevado nos Andes, próximo ao equador. As grandes geleiras marchavam para eles vindas do norte e do sul. Esses poucos sobreviventes dos bilhões de seres humanos carregavam em suas mochilas os últimos artefatos da Humanidade. Percebendo que não conseguiriam resistir às geleiras em marcha, eles cuidadosamente enterraram suas mochilas sob uma pilha de rochas e rezaram para que, algum dia, novos exploradores pudessem aprender quem eles tinham sido.

Os exploradores que eventualmente vieram acharam que o terceiro planeta desta estrela era grande e verde, mas totalmente desprovido de vida. Eles vasculharam a superfície por anos, encontrando apenas rochas pulverizadas pelas geleiras. Então, um dia encontraram uma pilha solitária de rochas nas mais altas montanhas, em um lugar onde as geleiras não tinham atingido completamente. Sob a pilha, jaziam enterrados artefatos de uma civilização perdida. Um dos objetos era particularmente interessante: um rolo de filme que tinha milagrosamente sobrevivido por dez milênios. Depois de análises que duraram um quarto de século, eles deduziram o significado do filme como uma seqüência de movimentos, e puderam reconstruir o retrato do povo perdido do planeta. Era uma civilização orgulhosa e deslumbrante – e também um povo frenético e enlouquecido. Mas uma parte do filme continuava a intrigar os mais dedicados pesquisadores. Por mais que tentassem, eles não conseguiam decifrar o sentido da imagem final. Ela continha uma inscrição que ninguém jamais conseguiu compreender:

“Um desenho de Walt Disney”.

[DENNING, Peter J. Many Zeros Ahead. **Communications of the ACM**, vol. 44, n. 3, March 2001, p. 113.]